

Em uma primeira aproximação, é importante destacar que a imagem comunica e transmite mensagens, além do fato de vivermos em uma sociedade que preza e utiliza a imagem em grande escala. Porém, apesar dessa latência, tradicionalmente a ciência, especialmente as ciências humanas no caso específico, não conferiam às imagens um status de validade científica.

Márcio José Melo Malta

Uma imagem vale mais: o uso das imagens na educação como elemento potencializador

An image is worth more: the use of images in education as an enhancer element

MÁRCIO JOSÉ MELO MALTA*

Resumo

O presente artigo aborda o uso das imagens na educação. De caráter explanatório, desenvolve um histórico acerca dos referenciais teóricos sobre o tema, assim como faz digressões sobre como vivemos em uma sociedade marcada por símbolos imagéticos. O leque de reflexões faz parte da realização das atividades do recém-inaugurado “Laboratório de Produção e Análise de Imagens” (Lapi’s) que o pesquisador coordena na Unilasalle-RJ. A proposta central é a de uma maior utilização das imagens em sala de aula para potencializar a explicação de conteúdos pedagógicos vai ao encontro de um aprendizado de maneira mais lúdica e prazerosa. As imagens fazem parte do cotidiano das pessoas, sendo portanto mais fácil de assimilar e recordar elementos que foram ensinados com o auxílio desse recurso, assim como, no campo da academia, ressignificar aspectos históricos a partir do uso de fontes alternativas.

Palavras-chave: Imagens. Educação. Semiótica. História cultural. Fontes.

Abstract

This issue discusses the use of images in education. With an explanatory nature, it , develops a theoretical framework about the history on the subject, as does digressions about the way we live in a society marked by pictorial symbols. The range of reflections is part of the accomplishment of the newly opened “Laboratory of Production and Analysis of Images “ activities

* Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense, Brasil; Docente da Universidade Federal Fluminense, Brasil; Email: malta.marcio@gmail.com

which the researcher coordinates at the Unilasalle-RJ. The central proposal is the greater use of images in the classroom to enhance the explanation of educational content which leads to a fun and enjoyable way of learning.. The images are part of everyday life, making it easier to assimilate and recall elements that were taught with the help of this resource, as well as , reframe the historical aspects from the use of alternative sources in the field of academia.

Keywords: Images. Education. Semiotics. Cultural history. Sources.

Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar as possibilidades proporcionadas pelo uso de imagens na educação. A ideia central é refletir sobre a potencialização do ensino por meio de imagens. A principal motivação desse foco temático deve-se à experiência no exercício da atividade de professor universitário, conjugada à profissão de cartunista. Essa junção proporcionou a realização de trabalhos acadêmicos voltados para tais questões, assim como a utilização de recursos didáticos, como, por exemplo, o amplo uso de desenhos feitos em sala de aula para expor os conteúdos. Essas reflexões fundamentam-se em análises de atividades do Laboratório de Produção e Análise de Imagens (Lapi's) da Unilasalle-RJ, no âmbito do curso de História, e seus subsídios às discussões sobre usos e possibilidades pedagógicas e históricas da arte.

Em termos estruturais, o trabalho contempla uma introdução, seguida de três seções descritas a seguir. A primeira parte aborda o espaço conferido à imagem na academia. Na segunda parte do trabalho serão explorados referenciais teóricos acerca da imagem. Discutir-se-á alguns dos autores que se debruçaram sobre a questão. Na terceira parte, como um estudo de caso, serão apresentados alguns resultados da exposição "Desenhando em sala de aula". Por último, à guisa de conclusão, algumas considerações serão feitas sobre a defesa de uma maior utilização das imagens na educação como um todo, seja no espaço da sala de aula, seja na produção de conteúdos acadêmicos.

O espaço conferido à imagem na academia

"Interessar-se pela imagem é também interessar-se por toda a nossa história", afirmou Martine Joly (2006, p. 136) na conclusão de seu livro "Introdução à análise da imagem". A presente seção busca refletir sobre o lugar conferido à imagem como fonte na produção do conhecimento científico, especialmente o historiográfico. De caráter interdisciplinar, o presente artigo se vale da Antropologia e da Ciência Política como interlocutoras, haja vista a primeira ser um campo em que tradicionalmente determinantes culturais e simbólicos foram levados em grande consideração; e a segunda como responsável pela reflexão acerca das dimensões do poder e do cenário político.

Vivemos em uma sociedade caracterizada como midiática, sendo que

grande parte desse conteúdo é transmitido através de imagens. Desde as épocas mais remotas – pode-se remeter aos longínquos tempos das cavernas – os homens se comunicam por meio de representação pictóricas. Já existe uma pré-socialização da leitura de símbolos, desde a mais tenra infância, inclusive por meio de gibis, ou cartilhas ricamente ilustradas.

O que está em questão seria uma potencialização da leitura de tais materiais, se fazendo necessária uma espécie de educação do olhar, no sentido, de se localizar indícios não identificados na produção das imagens, que sempre possuem o claro objetivo de transmitir uma mensagem. Um dos itens em foco é justamente a investigação de como se dá a relação obra- autor-leitor.

Dentre outros, o campo que irá nortear as investigações é o da cultura política, pois um dos focos em tela é a tentativa de mapear como determinada sociedade se comporta em termos de intervenção social em momentos-chave.

Neste bojo, parte-se da ressalva de que as imagens são produzidas por sujeitos históricos incluídos de forma concreta nas sociedades em que vivem, ou seja, não são isentas, imparciais ou neutras. As fotografias e charges, como meios de comunicação, possuem de forma aberta ou velada, intenções, ideologia e finalidades. As diversas modalidades de recepção do público consumidor destas produções simbólicas é de grande pertinência na influência que cumpre como agente formulador da opinião pública. Inclusive pelo grande contingente que absorve essa produção de forma cotidiana através da leitura dos meios de comunicação.

Breve balanço teórico-metodológico

Na presente seção serão listadas e discutidas algumas contribuições teóricas que auxiliaram a chegada ao tema escolhido. Serão relatados as transformações ocorridas no interior das disciplinas abordadas, assim como, o surgimento de novos paradigmas científicos.

Em uma primeira aproximação, é importante destacar que a imagem comunica e transmite mensagens, além do fato de vivermos em uma sociedade que preza e utiliza a imagem em grande escala. Porém, apesar dessa latência, tradicionalmente a ciência, especialmente as ciências humanas no caso específico, não conferiam às imagens um *status* de validade científica.

Apesar das limitações de espaço inerentes à apresentação deste artigo, podem ser arroladas como principais causas para o não reconhecimento da imagem no campo acadêmico, o fato dela normalmente possibilitar múltiplas interpretações, fato este gravíssimo para um campo que em via de regra priorizou construções de caminhos unilineares, e em segundo plano a eleição do discurso textual como o único possível na construção de verdades e do saber científico. Em terceiro e último nível consta ainda a dificuldade de utilização deste tipo de material, ou seja, os caminhos tortuosos que levam à sua interpretação.

Porém, o reconhecimento desses aspectos não como negativos, mas positivos, apesar de tardio, foi feito. A partir da década de 70 do século passado,

as transformações políticas acontecidas que impuseram a necessidade de uma maior multiplicidade de reflexões e ferramentas teóricas, assim como a cada vez mais veloz mudança na sociedade, conjugada ao desenvolvimento das comunicações, facilitaram a disseminação das imagens e novos paradigmas começaram a ganhar espaço no interior das ciências sociais.

A pesquisadora Tânia Regina de Luca, no artigo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, publicado no livro “Fontes históricas” (apud PINKY, 2005), assinala a construção de uma narrativa histórica por meio da imprensa e não da imprensa. Nesse sentido cabe destacar que o presente artigo não busca fazer também uma história da fotografia ou da charge, mas sim uma reflexão com base em tais instrumentos.

A autora aponta que poucos trabalhos acadêmicos até a década de 70 do século XX se dedicaram ao paradigma abordado. Como já discutido anteriormente, a responsabilidade de tal vácuo poderia ser creditada a um certo preconceito, ou ao hábito de serem exigidas nesse campo de fontes documentais objetivas, oficiais e com maior índice de uma “suposta” credibilidade.

Uma mudança só pôde ser observada em fins do século XX, com o advento do que ficou conhecido como “História Nova”, somados aos esforços da “New Left Review”, que contava dentre seus expoentes com nomes como o de Eric Hobsbawn, Perry Anderson e Edward Thompson.

A terceira geração da escola dos Annales¹ trazia consigo novos objetos, problemas e abordagens. Apostando na interdisciplinaridade, esgarçou fronteiras que normalmente eram dificilmente transpostas. Com a adoção de “novos problemas” e um alargamento do campo de preocupação, historiadores como Jacques Le Goff ampliaram o conceito de documentos “legítimos” a serem adotados pela historiografia.

A partir das mudanças possibilitadas pela transformação no contexto teórico, foi possível posteriormente a abordagem da imprensa como um objeto de pesquisa, posta a sua capacidade de intervenção social. Tânia de Luca (apud PINKY, 2005) destaca que nos trabalhos publicados anteriormente à década de 70, os dados coletados na imprensa figuravam tão somente como uma confirmação de elementos checados em outros documentos.

Outra pertinente contribuição é feita por Ivan Gaskell (apud BURKE, 1992), no capítulo “História das Imagens”, do livro “A escrita da História: novas perspectivas”, organizado por Peter Burke. Gaskell (Ibid.) aponta que muitas vezes historiadores mal instrumentalizados se valem das imagens apenas com fins ilustrativos, sendo minoria, o campo dos pesquisadores que utilizam as imagens como uma fonte sofisticada e especificamente histórica.

A palavra teria perdido a primazia, sendo que outros símbolos semânticos

¹ De forma sucinta, a Escola dos Annales pode ser descrita como uma nova abordagem da história, crítica ao positivismo e que se vale dos métodos das ciências sociais. Nasceu no cenário da crise econômica de 1929 e foi fundada por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), classificados como uma primeira geração da escola. A segunda geração dos annales teve Fernand Braudel (1902-1985) como símbolo e por último, a terceira geração foi caracterizada pela proeminência de Jacques Le Goff (1924).

cos ganharam *status*, em que se incluíam as charges e as fotografias. Assim como a tentativa de registrar a que tipo de público tais imagens se destinam e qual a função social que cumprem esses cronistas visuais que são os chargistas e jornalistas fotográficos.

Existiria uma direção renovadora de um amplo e diversificado conjunto de estudos históricos que iluminaram a situação da academia nas últimas décadas do século XX. Em linhas gerais o conjunto da produção retomou o grande tema da questão social, recusando por sua vez um enfoque por demais estruturalista e meramente baseado em termos econômicos. Abordagens que ressaltavam variáveis políticas e culturais passaram a ser privilegiadas.

Um estudo de caso: a exposição “Desenhando em sala de aula”

Em setembro de 2012, por ocasião do lançamento do já referido “Laboratório de análise e produção de imagens” (LAPI’S), o autor do artigo organizou na Galeria La Salle, a exposição “Desenhando em sala de aula”. Algumas imagens (figs. 1-4 do anexo) que ilustram o presente artigo demonstram exemplos de tal experiência.

A série de desenhos elaborada no primeiro semestre de 2012 representa uma viagem pelas áreas da Antropologia, Ciência Política e Sociologia, disciplinas ministradas pelo docente. Dentre os objetivos está o “re”conhecimento por parte dos alunos das gravuras que observaram em sala de aula e servir de exemplo para educadores das possibilidades do uso de imagens na prática pedagógica. Em oposição ao “saber bancário” tão bem expresso pelo mestre Paulo Freire, os desenhos remetem à defesa do aspecto lúdico na aprendizagem.

Fotografados pelo próprio professor após as suas aulas, as ilustrações feitas na lousa são registros que buscam captar a síntese de uma gama de matérias, assuntos e autores os mais variados do campo das ciências sociais.

A experiência de desenhar os tópicos que estão sendo explanados no momento das aulas demonstrou que os alunos passaram a se apropriar o conteúdo a partir de um outro ponto de vista. Muitos discentes relatam inclusive em momentos de avaliações, como provas, que se recordam mais facilmente dos conceitos a partir das recordações dos desenhos feitos no quadro.

A partir do componente da emoção que envolve a arte, as turmas se envolvem de uma maneira mais produtiva com as discussões que estão sendo feitas no decorrer das aulas. E, ainda, muitas vezes, os próprios estudantes invertem as tradicionais posições pedagógicas e participam ativamente da relação ensino-aprendizado quando vão até o quadro para pintar ou mesmo desenhar um tópico programático.

Cabe salientar que um dos objetivos do LAPI’S é justamente capacitar os membros pesquisadores a aprender noções básicas de desenho, para que no exercício futuro do magistério também possam compartilhar de tal ferramenta pedagógica.

Considerações finais

A proposta de uma maior utilização das imagens na educação evidenciada no presente artigo caminha em dois sentidos: o de resgatar períodos históricos, utilizando essas ferramentas; e, em um segundo plano, a defesa da explicação de conteúdos pedagógicos vai ao encontro de um aprendizado de maneira mais lúdica e prazerosa. As imagens fazem parte do cotidiano das pessoas, sendo portanto mais fácil de assimilar e recordar elementos que foram ensinados com o auxílio desse recurso. Além disso, o texto que por ora se encerra também advoga o uso das imagens, sejam fotos, caricaturas, ou demais gêneros, como uma fonte de conhecimento histórico e do tempo presente. A imagem se constitui como uma síntese de determinados temas, muitas vezes complexos. Um dos objetivos, portanto, é incentivar aos docentes e acadêmicos uma maior interação com os alunos e seus leitores, ao estimular a utilização de representações gráficas, que, apesar de simples, vão além do suporte meramente textual ou expositivo predominantes no magistério e produção acadêmica tradicionais.

Referências

- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (Orgs.). **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, cultura política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2006.
- LEMOS, Renato (Org.). **Uma história do Brasil através da caricatura**: 1840-2001. Rio de Janeiro: Bom Texto, Letras e Expressões, 2001.
- LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.
- LUSTOSA, Isabel. **Histórias de presidentes**: a República no Catete. Rio de Janeiro: Vozes/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.
- MALTA, Márcio José Melo. **Henfil**: o humor subversivo. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

_____. **O Jeca na careta** - charges e identidade nacional. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRJ, Rio de Janeiro.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do Humor, trapaças da razão, a charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

Anexos:

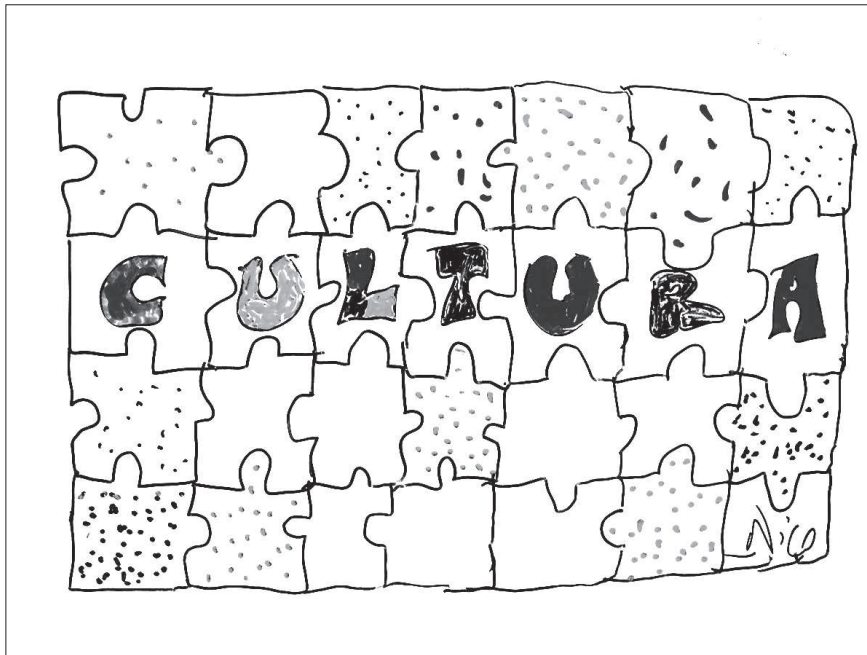
Figura 1 - Cartaz da exposição "Desenhando em sala de aula"



Fonte: Cartaz da exposição. Concepção do autor em parceria com Jefferson Fernandes (diagramador Unilasalle-RJ).

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 9, p. 130–139
jan./jun. 2013*

Figura 2 - Desenho sobre o conceito de cultura como um quebra-cabeça (aula sobre estruturalismo)



Fonte: pintado pelos alunos e fotografado pelo autor.

Figura 3 - Aula sobre o surgimento da moeda. O desenho mostra uma das inconveniências do uso de outros elementos como elemento de troca.



Fonte: desenhado e fotografado pelo autor.

Figura 4 - Aula sobre a divisão do trabalho e o modelo do fordismo.



Fonte: desenhado e fotografado pelo autor.